

INTERCOM/2001 - XXIV CONGRESSO BRASILEIRO
CAMPO GRANDE - MS (SETEMBRO/2001)

FUTEBOL DE GRIFFE

(A COLUNA E A CRÔNICA EM
TEMPOS DE COPA DO MUNDO)

José Carlos Marques

(Bolsista FAPESP e Doutorando
em Jornalismo ECA/USP)

Comunicação a ser apresentada
no Grupo de Trabalho *Mídia e Esporte*
Coord.: Prof. Dra. Vera Regina Toledo Camargo

Resumo

Na década de 1990, os jornais que compõem a grande imprensa no Brasil (casos de *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*) sedimentaram uma tendência que se vinha anunciando nos anos 80: a de investir maciçamente nas editoriais de Esporte, especialmente nas coberturas de Copas do Mundo, com a participação crescente de colunistas e cronistas. O presente trabalho procura distinguir a produção desses textos – ora analíticos, ora opinativos, por vezes, ficcionais – , que se sustentam quase que invariavelmente a partir de nomes consagrados e conhecidos do grande público.

O USO DO TERMO “CRÔNICA” NA MÍDIA ESPORTIVA

O termo “crônica” vem sendo utilizado pela mídia esportiva de maneira indiscriminada desde que os jornais passaram a acompanhar e noticiar eventos desportivos, no início do século XX. Qualquer profissional da imprensa esportiva, seja ele um repórter, um editor ou um radialista, é denominado de “cronista esportivo”. Esses profissionais, apesar de já contarem com um sindicato que representa a classe de jornalistas, fundaram ainda, em diversos Estados do Brasil, as chamadas “Associação de Cronistas Esportivos”. Entretanto, se atentarmos à palavra “crônica” levando em consideração a sua definição enquanto gênero literário ou enquanto característica de texto escrito, vemos que ela não poderia ser aplicada de forma tão genérica como ocorre no meio esportivo e no futebol, em particular.

A questão, na verdade, parece apenas refletir uma questão de preciosismo semântico à primeira vista. Quando as partidas e campeonatos de futebol começaram a tornar-se mais frequentes no Brasil, por volta da década de 1910, era comum que as reportagens sobre os jogos ocupassem uma página inteira dos jornais mais importantes do Rio e São Paulo. E o relato que se lia era, com efeito, uma crônica a respeito de todo o evento: descrevia-se o tempo e as condições climáticas da cidade, o estado de ânimo dos espectadores, o fluxo de pessoas em torno do estádio e, finalmente, todos os lances da partida, minuto a minuto. Vejamos, a título de exemplo, a descrição da “Gazeta”, em São Paulo, referente à primeira partida disputada pela Seleção Brasileira contra o Chile, em 11 de maio de 1919, pelo Campeonato Sul-americano, na cidade do Rio de Janeiro:

O aspecto era sobremado grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e de entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir a quebrar a harmonia àquela imponência.

Pouco antes de ser iniciada a peleja, dois aeroplanos vieram evoluir por sobre o stadium, praticando proezas de verdadeiros dominadores do ar. Eram campeões de nobres sports, que vieram homenagear o irmão de um outro sport não menos nobre. O início do Campeonato foi honrado com a presença de S. Excia. o Sr. Presidente da República, que chegou ao local do match pouco antes do mesmo

principiar, só se retirando depois de seu final. (Tomás Mazzoni, História do futebol no Brasil, São Paulo, Edições Leia, 1950. p. 42)

Já a segunda partida disputada pelo Brasil nesse mesmo torneio, no dia 18 de maio de 1919 contra a Argentina, foi retratada assim pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, em texto publicado em 19/05/1919:

O movimento das ruas, desde a cidade até o campo, era formidável, havendo mesmo ocasião em que a rua das Laranjeiras, congestionada pelo trânsito de automóveis, bondes e auto-ônibus, ficava entupida, proporcionando à polícia um trabalho insano, para restabelecer a normalidade.

(...)

O povo do Rio consagrou definitivamente o futebol como seu divertimento favorito! É o caso de lhe darmos os parabéns, por essa preferência que só pode trazer vantagens à mocidade patricia, estimulada com o valioso apoio em preparar para o Brasil uma raça forte, nas qualidades morais e físicas, no aperfeiçoamento da alma e do corpo. (Ibid., p. 139).

Sobre a decisão do campeonato entre Brasil e Uruguai, em 29 de maio de 1919, o mesmo *Correio da Manhã* apresentaria em sua edição do dia seguinte:

O governo decretou o ponto facultativo nas repartições públicas; todos os bancos e alto comercio, bem como muitas outras casas comerciais, deixaram de funcionar, para que seus empregados pudessem presenciar o jogo. Às 8:45 da manhã (!), chegava às portas do estadio o primeiro espectador, e às 9 horas, quando foram abertas as portas, era já grande a multidão. (Ibid., p. 146).

No entanto, os primeiros diários esportivos a fazer sucesso surgiram apenas na década de 1930; antes disso, não havia manchetes de primeira página sobre eventos esportivos, embora estes sempre fossem registrados nas páginas internas dos jornais. Mas tanto nessa época, como nos textos transcritos anteriormente, os relatos sobre cada partida eram demasiadamente extensos: os parágrafos continham frases curtas, mas com uma preocupação exagerada na descrição detalhada de todos os lances. Havia ainda o uso exagerado de termos em inglês – o futebol era uma prática muito ligada aos tradicionais filhos e descendentes britânicos da cidade –, cuja permanência se estenderia até o início da década de 60 no Brasil. Mas, em suma, pode-se sentir nesses relatos da época uma necessidade de se narrar minuciosamente os lances surgidos durante uma partida de futebol, com o requinte de não se esquecer de nenhum detalhe – daí, talvez, resida o fato de o

termo “cronista” ter sido adotado para representar o trabalho desse profissional de imprensa que passou a se ocupar dos relatos futebolísticos nos jornais.

Em todo caso, parece-me que o termo “crônica”, usado indiscriminadamente pelos profissionais da imprensa esportiva, merece ser melhor definido. Por que se fala comumente em “cronistas esportivos”, mas não se fala em “cronistas econômicos”, “cronistas políticos”, “cronistas culturais” etc.? Assim, gostaria de definir, com maior rigor conceitual, os limites da crônica no futebol e distingui-la ainda de outro tipo de texto que lhe é limítrofe: a coluna. Em comum, o fato de que ambas – coluna e crônica – distanciam-se em graus diversos do referente (a notícia) para assumir contornos assumidamente mais pessoais, subjetivos e opinativos se comparadas com as reportagens comuns.

O ponto de partida desta análise está na definição de Antonio Candido, segundo o qual “a crônica não é um gênero maior”¹. Essa classificação poderia ser estendida, há algumas décadas, às editorias de futebol dos grandes jornais brasileiros: o esporte também não era um “gênero maior”. Até o início da década de 40, o homem de imprensa esportiva ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais, e o futebol mantinha discreto destaque na imprensa escrita.

Contudo, esse panorama teve uma mudança significativa na chamada “grande imprensa”² brasileira a partir do final da década de 1980, alcançando toda a plenitude na década de 1990. Uma importância cada vez maior passou a ser creditada às coberturas esportivas e à presença de colunistas e cronistas por ocasião das Copas do Mundo de Futebol, disputadas de quatro em quatro anos e que sempre mobilizam maior atenção de leitores e patrocinadores.

¹ Em “A vida ao rés-do-chão”, in *Recortes*.

² Chamo de “grande imprensa”, no Brasil, aquela representada no meio impresso diário pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (paulistas) e *O Globo* e *Jornal do Brasil* (cariocas).

A GRANDE IMPRENSA E AS DUAS ÚLTIMAS COPAS

Até meados da década de 1980, cada um dos principais jornais brasileiros destacava um ou no máximo dois jornalistas para assinar as colunas e crônicas por ocasião das disputas do Brasil nas Copas do Mundo de Futebol. A presença cada vez maior de colunistas e cronistas nos jornais paulistas e cariocas a partir da década de 1990 representa assim um fenômeno muito característico da imprensa brasileira no final do século XX.

A seguir, comento brevemente o trabalho de cobertura dos quatro jornais selecionados nos dois Mundiais de Futebol disputados na década de 1990.

O caso de *O Estado de S. Paulo*

Em 1994, o *Estado de S. Paulo* deslocou um verdadeiro exército de colunistas e cronistas para cobrir a Copa do Mundo de Futebol nos EUA. Faziam parte do time do diário paulistano os jornalistas esportivos Armando Nogueira e Roberto Benevides; o brasilianista Matthew Shirts; o cronista Nelson Motta; os escritores João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Verissimo e Mario Prata; os ex-jogadores Mário Sérgio e Pelé; o compositor Paulinho da Viola; e o estadista americano Henry Kissinger. Dentre esses, Armando Nogueira, Nelson Motta, João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo também tinham seus textos publicados em outros veículos no Brasil (em *O Globo* e *Jornal do Brasil*, entre outros).

Já em 1998, o Estado optou por uma cobertura um pouco mais modesta. O caderno “Copa 98” começou a ser veiculado em 01/06/98, e apenas três colunistas tiveram contrato exclusivo com o jornal: Matthew Shirts e Mario Prata (antigos cronistas da “casa”) e Katia Zero (colunista social do Caderno 2). Além destes, o jornal publicou também textos de Armando Nogueira, Luis Fernando Verissimo, do compositor Chico Buarque e do ex-jogador Tostão, que, entretanto, também foram veiculados em outros jornais do país. Os textos selecionados (citados no item VI) foram obtidos no site de o *Estado de S. Paulo*.

O caso da *Folha de S. Paulo*

Em 1990, a *Folha de S. Paulo* criou um caderno diário especial para a cobertura da Copa do Mundo da Itália, intitulado “Copa”. Em 4 de junho daquele ano, o jornal publicou ainda um “Guia da Copa” com 24 páginas, apresentando os grupos e as seleções participantes do evento, informando a programação das televisões durante o período, comentando questões técnicas do futebol (rankings da Fifa, arbitragem) e oferecendo um guia para o torcedor brasileiro conhecer melhor a Itália.

Entretanto, a *Folha* não manteve nenhum cronista ou colunista em suas páginas para escrever sobre o evento. A cada dia, na página 2 do Caderno “Copa”, era publicado um texto diferente, formulado por personalidades das mais diversas áreas – políticos, atletas, músicos, profissionais do futebol etc. Para citar alguns, colaboraram com o jornal naquele período Ives Gandra Martins e Dalmo Dallari (juristas); Washington Olivetto (publicitário); Eduardo Suplicy, José Serra, Hélio Bicudo, Fernando Henrique Cardoso, José Dirceu (políticos); Tom Zé (músico); Ademir da Guia (ex-jogador de futebol); Telê Santana (técnico); Eduardo Galeano (intelectual uruguaio); e Dom Paulo Evaristo Arns (autoridade religiosa da cidade de São Paulo). A partir do dia 10 de julho de 1990, o caderno “Copa” deixou de ser publicado, voltando a seu lugar o caderno “Esportes”.

Em 1994, a *Folha*, à semelhança do Estado, também elegeu um elenco considerável de colunistas para cobrir a Copa do Mundo dos EUA. Em 6 de junho daquele ano, num caderno especial intitulado “Folha na Copa”, o jornal trazia a manchete “Confira a seleção dos colunistas da Copa 94”. Faziam parte dessa ‘seleção’ os jornalistas Alberto Helena Jr. e Matinas Suzuki Jr.; os técnicos de futebol Telê Santana e Johan Cruyff; a colunista social Joyce Pascovitch; o fotógrafo David Drew Zingg; o colunista José Simão; e os músicos Nando Reis e Marcelo Frommer. Todos eles escreviam seus textos exclusivamente na *Folha*, exceto Johan Cruiff, que também publicou suas colunas em outros jornais, mas todos estrangeiros.

Em 1998, a *Folha* quis superar todos os seus concorrentes e convocou nada menos do que 18 personalidades (entre jornalistas, escritores e profissionais do futebol) para cobrir a Copa do Mundo da França, a maioria deles exclusivos do jornal, escrevendo colunas e crônicas. Em matéria publicada no dia 31 de maio, intitulada “Por que ler a *Folha* na Copa”, o Editor de Esporte do

jornal, Melchiades Filho, anunciava que, “além dos colaboradores consagrados de Esporte” (os jornalistas esportivos Alberto Helena Jr., Juca Kfourir, Matinas Suzuki Jr, José Geraldo Couto e Rodrigo Bueno), o caderno Copa-98 contaria com o reforço dos escritores Carlos Heitor Cony e Marilene Felinto; dos jornalistas Janio de Freitas (Política) e Clóvis Rossi (Política); do colunista José Simão; do ex-jogador Diego Maradona; e do técnico Carlos Alberto Parreira. A eles se somariam ainda, com contribuições mais esporádicas, os técnicos Telê Santana e César Luís Menotti (treinador da seleção argentina campeã em 1978), o ex-jogador Franz Beckenbauer (treinador da Alemanha na Copa de 1990), o jogador Jean-Marc Bosman (atleta belga que conseguiu, na Justiça, quebrar a lei do passe na Europa), o jornalista José Roberto Torero e o escritor Paulo Coelho. Os textos selecionados (citados no item VI) foram obtidos no site do jornal.

O caso de O Globo

Em 1994, dos quatro jornais da ‘grande imprensa’, *O Globo* foi o que optou por uma cobertura sem muitos colunistas para a Copa do Mundo dos EUA, mantendo apenas o jornalista esportivo Fernando Calazans e o colunista social Zózimo como exclusivos do jornal. O lado humorístico da cobertura ficou com a coluna do personagem Agamenon – um “correspondente” criado pela turma do programa Cassetta & Planeta. A eles, somaram-se o escritor João Ubaldo Ribeiro e o cronista Nelson Motta, que também tinham seus textos publicados em outros jornais, incluindo-se aí *O Estado de S. Paulo*.

Em 1998, *O Globo* reforçou consideravelmente seu “elenco” para o Mundial da França. O Caderno “Copa 98” começou a circular em 31/05/98, com a matéria “Um time de talentos distintos entrosado para a Copa” (sobre os colunistas do jornal para o evento), e foi veiculado até 13/07/98 (um dia após o encerramento do campeonato). O jornal manteve os seguintes colunistas – todos eles exclusivos: os colunistas sociais Ricardo Boechat e Hildegard Angel; a cantora Paula Toller; o técnico de futebol Paulo Autuori; os jornalistas Renato Mauricio Prado, Marcio Moreira Alves e Fernando Calazans; o ex-jogador Pelé (com algumas colaborações esporádicas); e novamente o personagem Agamenon. A eles se somou o compositor Chico Buarque, também contratado pelo *Estado de S. Paulo*.

O caso do Jornal do Brasil

Para a Copa de 1994, o *Jornal do Brasil*, em anúncio publicado no dia 11 de junho daquele ano, fazia grande propaganda da cobertura do evento. Com o título “A Copa está nas suas mãos.”, a peça publicitária apresentava o time de colunistas do jornal, em que figuravam o escritor Luis Fernando Verissimo; a colunista social Danuza Leão; o colunista Arthur Xexéo; os jornalistas esportivos Armando Nogueira, Sérgio Noronha, e Oldemário Touguinhó; e o articulista de política Villas-Bôas Correa. Todos eram exclusivos do jornal, à exceção de Luis Fernando Verissimo e Armando Nogueira, que também publicavam seus textos em outros veículos, entre eles O Estado de S. Paulo.

No caso da Copa de 1998, o Caderno “Copa” começou a ser veiculado logo em 12 de maio daquele ano. Sérgio Noronha e Oldemário Touguinhó eram os jornalistas esportivos exclusivos do jornal. Também entre os “exclusivos” estavam Artur Xexéo e Tutti Vasques, que faziam uma espécie de “coluna social” da Copa, e o técnico Zagallo. Além destes, escreviam para o *JB* o jornalista Armando Nogueira, o ex-jogador Tostão e o escritor Luis Fernando Verissimo – os três publicavam ainda seus textos no *Estado de S. Paulo*, entre outros veículos de todo o país.

COLUNA E CRÔNICA X NOTÍCIA

A palavra crônica tem sua origem no termo “chrónos”, do grego, que significa tempo. Lembremo-nos por exemplo das palavras “cronômetro” (aparelho para medir intervalos de tempo) ou cronologia (descrição de acontecimentos ao longo de certo período). Nos dias de hoje, a crônica é um tipo de texto publicado nos jornais e que reflete sobre coisas do tempo presente, relacionadas ao dia-a-dia das pessoas. O cronista não está preocupado com a veracidade dos fatos, a verossimilhança de nomes e acontecimentos, mas apenas com a composição de um texto mais leve, contaminado pelo humor e com altas doses de subjetividade.

Como a crônica aparece sempre no jornal, ela deve tratar de acontecimentos que o leitor encontra todos os dias, seja em casa ou nas ruas. Assim, o escritor apela para o **eu** e usa e abusa do dia-a-dia, compondo retratos, tipos de personagens, cenas cômicas ou comentários. Para isso, ele utiliza uma linguagem simples, leve e despretensiosa, sempre carregada de humor e bastante natural, para mostrar a oralidade no texto escrito. A crônica mantém ainda um certo ar de família e se parece com uma “conversa fiada” sobre algum assunto. Ela busca o sentido das coisas nas pequenas cenas, fatos, costumes e palavras da vida de todos nós. A crônica procura falar de coisas menores, que não parecem ser muito importantes, para tirar delas alguma reflexão importante. Só que, desses fatos miúdos, a análise sempre é feita com um toque bem humorado. Mesmo quando tem a intenção de comentar ou informar, a crônica procura divertir o leitor.

No caso da coluna, os autores praticam um texto mais analítico e opinativo, em que o trabalho com a palavra (uma das principais características da obra literária) não é assumido como principal preocupação do ato enunciativo. Neste caso, a preocupação literária no fazer jornalístico é uma exceção e acaba sendo realizada apenas em casos excepcionais, por poucos autores. Os colunistas procuram, com seus textos, explicar e teorizar questões ligadas aos fatos jornalísticos do dia-a-dia. Seus textos diferem da notícia propriamente dita porque, nesta, a preocupação não é explicar os fatos, mas relatá-los enquanto tal.

Uma grande semelhança entre a crônica e a coluna reside no fato de que ambas ocupam um espaço bem delimitado nos jornais, sempre com destaque para os nomes de seus autores. Ou-

tra característica diz respeito à sua periodicidade: o leitor sabe quais os dias da semana em que poderá ler o texto de seu colunista ou cronista predileto. E, normalmente, esse tipo de texto tem seu lugar “cativo” no caderno de esportes, aparecendo na mesma página e no mesmo espaço, sempre com a mesma diagramação. Procura-se criar assim uma familiaridade com o leitor, para que, ao abrir o jornal, ele saiba de antemão onde encontrar o autor desejado.

Acima da crônica e da coluna, fica a notícia, o relato propriamente dito dos fatos, que procura se aproximar o máximo possível do referente. Importa aqui entender que o colunista e o cronista procuram afastar-se do referente, compondo textos com maiores graus de subjetividade e com recursos de criação literária (caso do cronista) que não se observam nas reportagens publicadas cotidianamente pelos jornais.

CLASSIFICAÇÃO CONCEITUAL DOS AUTORES

Embora os jornais esportivos propriamente ditos (casos de o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, e a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo) tenham uma tradição histórica de contar com diversos cronistas ou colunistas em suas páginas desde a década de 1950 (o *Jornal dos Sports*, por exemplo, contava com Mario Filho, José Lins do Rego, Vargas Neto e Thomaz Mazzoni, entre outros, por ocasião da Copa de 1950 no Brasil), cabe dizer que os quatro jornais citados neste trabalho, integrantes da “grande imprensa”, só recentemente passaram a dar mais espaço e importância aos eventos esportivos dentro de suas estruturas editoriais. Os cadernos especiais de Esportes ganharam corpo no final da década de 1980, momento em que as coberturas das Copas do Mundo adquiriram um espaço nunca visto em suas páginas.

Já entre os autores citados na cobertura dos jornais por ocasião das duas últimas Copas do Mundo, podem-se criar algumas divisões conceituais: inicialmente, há o caso dos jornalistas esportivos “oficiais” de cada jornal, ou seja, aqueles **colunistas** que escrevem normalmente para seus veículos, seja em épocas de Copa do Mundo, seja em épocas em que a cobertura esportiva se restringe aos campeonatos e torneios circunscritos apenas ao futebol brasileiro. Estão incluídos Alberto Helena Jr., Armando Nogueira, Fernando Calazans, José Geraldo Couto, José Roberto Torero, Juca Kfourir, Matinas Suzuki Jr., Roberto Benevides, Sergio Noronha e Tostão. Destes, é preciso destacar os casos de Armando Nogueira e José Roberto Torero, cujos textos oscilam, vez ou outra, entre a coluna analítica e a crônica ficcional e lírica.

Em segundo lugar, destacam-se os **cronistas** e **escritores** que, convidados a cobrir determinada Copa do Mundo, compõem relatos que se distanciam da mera análise das partidas, mas que não deixam de ter o futebol como tema de seus textos. Incluem-se nesse paradigma Carlos Heitor Cony, Chico Buarque de Holanda, João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Verissimo, Mario Prata, Matthew Shirts e Nelson Motta.

Em terceiro lugar, comparecem os jornalistas da editoria de Política e os **colunistas** sociais e de comportamento que, durante a Copa do Mundo, não estão preocupados com o desenrolar das partidas, mas sim com os acontecimentos que estão ao redor do jogo em si. É o caso da pro-

dução de profissionais como Villas-Boas Corrêa, Janio de Freitas, Joyce Pascovitch, Marilene Felinto, Katia Zero, Reinaldo Boechat, entre outros.

Por último, há ainda os textos de cantores, treinadores e jogadores de futebol contratados pelos jornais para a cobertura das Copas do Mundo: essas análises, demasiadamente impressionistas ou excessivamente técnicas, simbolizam um texto de grande apelo popular, devido ao reconhecimento e à identificação que os autores mantêm com o público devido à grande exposição que têm na mídia.

Em todos os casos, porém, resta a certeza de que os jornais diários no Brasil vêm recorrendo nos últimos anos, cada vez com maior intensidade, ao emprego de colunistas e cronistas nas coberturas das Copas do Mundo. A presença desse contingente de autores, na maior parte das vezes renomados e familiares ao público médio, representa um esforço no sentido de oferecer um texto de “griffe” aos leitores dos jornais, acirrando a concorrência e intensificando os investimentos que as grandes corporações midiáticas passaram a promover na década de 1990 para acompanhar os principais eventos futebolísticos.

FONTES DE CONSULTA

JORNAIS

O ESTADO DE S. PAULO

FOLHA DE S. PAULO

O GLOBO

JORNAL DO BRASIL

BIBLIOGRAFIA

A CRÔNICA. Setor de Filologia da FCRB. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

ARRIGUCCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica” em *Boletim Bibliográfico da Biblio-teca Má-rio de Andrade*, vol. 46, n.º 1/4, janeiro de 1985, São Paulo

BENVENISTE, Émile. “Da subjetividade na linguagem” em *Problemas de Lingüística Ge-ral*. São Paulo, Editora nacional/EDUSP, 1976

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” em *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993

RONCARI, Luiz. “A estampa da rotativa na crônica literária” em *Boletim Bibliográfico da Biblio-teca Mário de Andrade*, vol. 46, n.º 1/4, janeiro de 1985, São Paulo

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 5ª ed., São Paulo. Ática, 1997

JOSÉ CARLOS MARQUES

Rua Quitanduba, 121 - ap. 62

05516-030 - São Paulo - SP

Fone (11) 3721-2613 / 9261-1166

E-mail: gizeca@originet.com.br